



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA DAS DORES OLIVEIRA DO MONTE
QUITÉRIA NASCIMENTO DOS SANTOS

**O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES DA EJA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ: REALIDADES E EXPECTATIVAS**

MACEIÓ
2025

MARIA DAS DORES OLIVEIRA DO MONTE
QUITÉRIA NASCIMENTO DOS SANTOS

**O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES DA EJA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ: REALIDADES E EXPECTATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
Pedagogia do Centro de Educação da Universidade
Federal de Alagoas CEDU/UFAL, como requisito para
obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Cavalcante

MACEIÓ
2025

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Setorial Lúcia Lima do Nascimento - CEDU
Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino - CRB4: 1459

M772p

Monte, Maria das Dores Oliveira do.

O processo de escolarização para mulheres da EJA em uma escola pública de Maceió: realidades e expectativas. / Maria das Dores Oliveira do Monte; Quitéria Nascimento dos Santos. Maceió, 2025.

26 f.

Orientadora: Valéria Cavalcante.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2025.

Bibliografia: p.25-26.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Mulheres da EJA. 3. Alfabetização.
4. Acesso escolar. I. Santos, Quitéria Nascimento dos. II. Título.

CDU: 374.7

**MARIA DAS DORES OLIVEIRA DO MONTE E
QUITÉRIA NASCIMENTO DOS SANTOS**

**O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO PARA MULHERES DA EJA EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ: REALIDADES E EXPECTATIVAS**

**Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Pedagogia a distância do Centro de
Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da
nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).**

Orientador(a): Dra. VALÉRIA CAMPOS CAVALCANTE – (CEDU/UFAL)

Aprovada em: 11 /03 /2025.

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **VALERIA CAMPOS CAVALCANTE**
Data: 14/03/2025 13:49:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 1 – Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ERICA RENATA VILELA DE MORAIS**
Data: 11/03/2025 15:58:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 2

Documento assinado digitalmente
 **ANA KARLA LOUREIRO DA SILVA**
Data: 12/03/2025 10:10:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador/a 3

MACEIÓ

2025

AGRADECIMENTOS

Por Maria das Dores

A jornada até aqui foi marcada por desafios, aprendizados e pelo apoio de pessoas essenciais.

Agradeço à Deus que me proporcionou saúde e todas as condições para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

Aos meus pais, que, mesmo não estando mais fisicamente presentes, deixaram em mim um legado de valores, força e determinação. Suas memórias e ensinamentos foram e sempre serão minha bússola.

A minha família, que a cada dia somou forças para que esse sonho se realizasse. Em especial a meu esposo e os meus filhos, pois sempre me fez acreditar que as limitações são mais um motivo para não desistir, eu amo vocês! Agradeço a Universidade Federal de Alagoas - UFAL, pelo compromisso e qualidade dos serviços prestados.

À minha professora orientadora, Dra. Valeria Cavalcante... às vezes parece que agradecer é uma tarefa fácil, mas para mim é impossível escrever o tamanho da gratidão que tenho. Professora, obrigada por sua dedicação, paciência e por compartilhar seu conhecimento com tanto zelo. Sua orientação foi fundamental para que esse trabalho se tornasse realidade, e sou profundamente grata pela sua confiança e incentivo.

Aos pesquisadores e pesquisadores do grupo GEDIC, onde aprendi não só apenas sobre pesquisa, mas também sobre as desigualdades e desafios que as mulheres enfrentam diariamente e reforçou ainda mais minha vontade de questionar, refletir e contribuir para mudanças.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada, meu sincero agradecimento.

Por Quitéria Nascimento

Início meus agradecimentos exaltando a Deus cuja presença constante e orientação divina iluminaram todo o meu percurso acadêmico. Minha fé foi o alicerce que me sustentou nos momentos de dúvida e cansaço, permitindo-me trilhar com coragem e determinação cada etapa dessa jornada.

Agradeço profundamente aos meus filhos, que com seu amor incondicional, paciência e sacrifício silenciosos, ofereceram o suporte emocional necessário durante o curso. Suas presenças tornaram os dias difíceis, mais suportáveis e cada sorriso foi motivo de renovação e esperança.

Manifesto minha gratidão à minha querida amiga Dorinha que caminhou ao meu lado na realização deste trabalho. Sua parceria e apoio inestimáveis foram fundamentais para superarmos os desafios e concretizarmos cada etapa da pesquisa. Juntas, vivenciamos momentos de intensa colaboração e apoio fortalecendo nossa amizade, e que agora se eterniza também na memória deste trabalho.

Expresso minha sincera admiração e reconhecimento a nossa professora orientadora Dra. Valéria Cavalcante. Seu entendimento, correções precisas e direcionamento metodológico foram determinantes para o aprimoramento do nosso trabalho e para a ampliação do meu conhecimento na área da pedagogia. Sua paciência e dedicação foram essenciais para que eu pudesse transformar dificuldades em aprendizado e para que cada crítica construtiva se convertesse em evolução pessoal e profissional.

Ao concluir esta etapa, percebo que cada sacrifício, cada momento de superação e cada gesto de apoio contribuíram para a construção não só de um trabalho, mas de uma nova direção na minha carreira pedagógica. Sinto-me pronta para os próximos desafios, com a certeza de que a caminhada trilhada até aqui foi repleta de lições e bençãos.

RESUMO

Este estudo visa analisar narrativas de mulheres que frequentam a EJAI da Escola Estadual Dr. Pompeu Sarmiento, na cidade de Maceió/AL, tendo como foco as expectativas do processo de escolarização e suas aspirações referentes ao retorno ao processo de escolarização, considerando suas expectativas, sonhos e contexto de vida. O interesse pela pesquisa surgiu durante o período de Estágio Supervisionado IV - CEDU/UFAL, no qual observamos o ensino/aprendizagem de estudantes do primeiro e segundo segmento da EJAI na referida escola. Para realização da base teórica da presente pesquisa, que tem como foco as narrativas das mulheres da EJAI foram realizadas, primeiramente, uma revisão de literatura, tendo como base pesquisadores como: Moura (2007); Freire (1996, 2012); Cavalcante; Freitas (2021); Freitas (2021); Pimenta (2010), entre outros. Posteriormente, realizaram-se sessões-conversa com as mulheres da EJAI, a fim de coletar suas narrativas referente ao processo de escolarização: saída e retorno à escola e expectativas. Os objetivos da pesquisa centram-se na investigação, compreensão e reflexão acerca das realidades, vivências e expectativas das estudantes da EJAI sobre as idas e vindas à escola. Os resultados das análises realizadas na pesquisa apontam que as expectativas das mulheres pesquisadas em relação ao retorno à escola estão no contexto da realização de um sonho, que implica em independência, melhores condições de trabalho, empoderamento, autonomia e conscientização sobre o seu estar no mundo.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Mulheres da EJA; Alfabetização; Acesso escolar.

ABSTRACT

This study aims to analyze the narratives of women attending the Youth and Adult Education Program (EJAI) at Dr. Pompeu Sarmiento State School, located in Maceió, Alagoas. The focus lies on their expectations regarding the schooling process and their aspirations related to returning to formal education, taking into account their dreams, life context, and personal goals. The interest in this research emerged during the Supervised Internship IV at CEDU/UFAL, during which we observed the teaching and learning processes of students enrolled in the first and second segments of the EJAI program at the mentioned school. The theoretical framework of this study was built through a literature review based on scholars such as Moura (2007); Freire (1996, 2012); Cavalcante & Freitas (2021); Freitas (2021); and Pimenta (2010), among others. Subsequently, “conversation sessions” were conducted with the EJAI participants to collect their narratives regarding the schooling process, including both the reasons for dropping out and returning, as well as their expectations. The main objectives of this research are to investigate, understand, and reflect on the realities, experiences, and expectations of EJAI students concerning their educational trajectories. The findings indicate that the women’s expectations about returning to school are strongly linked to the pursuit of a long-held dream, which encompasses aspirations for independence, improved job opportunities, empowerment, autonomy, and a heightened awareness of their place in the world.

Keywords: Youth and Adult Education; Women in EJAI; Literacy; Educational Access

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO...	6
2. METODOLOGIA...	9
3. ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR POMPEU SARMENTO: CARACTERIZAÇÃO E REFLEXÕES	11
3.1. Perfil das estudantes entrevistadas	12
4. CONCEPÇÃO DE ESTÁGIO	13
5. O QUE NOS DISSERAM AS NARRATIVAS DAS MULHERES DA ESCOLA POMPEU SARMENTO	16
5.1 <i>A importância da escrita e da leitura para a autonomia e independência das mulheres da EJAI</i>	18
5.2 <i>Impedimentos ao acesso escolar</i>	20
5.3 <i>Estudos enquanto sonho a ser realizado e como possibilidade para expandir o conhecimento de mundo das mulheres da EJAI</i>	21
6. CONCLUSÃO...	23
REFERÊNCIAS...	25

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI)¹ é uma modalidade de ensino destinada ao público de trabalhadores-estudantes que não obtiveram a formação escolar no período de sua infância, sendo esta modalidade composta, em Maceió, em sua maioria, por mulheres. Tendo como base esta realidade do público da EJAI, observada a partir da experiência no Estágio Supervisionado IV, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL), esse texto traz como objetivo analisar narrativas de mulheres que frequentam a EJAI da Escola Municipal Dr. Pompeu Sarmiento, na cidade de Maceió/Al, tendo como foco as expectativas do processo de escolarização e suas aspirações referentes ao retorno ao processo de escolarização, considerando suas expectativas, sonhos e contexto de vida.

A escolha do tema: **Mulheres da EJAI** se deu justamente pelo contato direto com mulheres da modalidade da EJAI em contexto de estágio, nas disciplinas de Educação de Saberes e Didática do Ensino de Educação de Jovens, Adultos e Idosos (Estágio Supervisionado IV) e EJA 1, que fala da política e ações da modalidade EJA no cenário nacional e do reconhecimento da modalidade como direito e as políticas educacionais da EJA. A partir dos componentes disciplinares supracitados pudemos conhecer e compreender as políticas educacionais e as ações destinadas à EJA no cenário nacional, bem como a luta dos movimentos estudantis que acarretaram seu reconhecimento como um direito. A experiência do estágio supervisionado nos oportunizou a feitura de uma análise crítica da prática docente no contexto da EJAI, a elaboração de intervenções didáticas dialógicas, como também uma aproximação das vivências e experiências vividas cotidianamente pelas mulheres que frequentam essa modalidade de ensino.

O olhar atento e sensível às mulheres da EJAI nos marcou e despertou o interesse de nos aprofundarmos sobre as narrativas e vivências das estudantes da modalidade, com o intuito de compreender suas vivências e quais expectativas essas mulheres possuem em relação à escolarização. Desse modo, evidenciamos a importância do estágio supervisionado durante o processo de formação de futuros/as professores/as, visto que é na sala de aula que estes profissionais podem conhecer as diversidades e diferenças do público que compõem a Educação de Jovens, Adultos e Idosos em Maceió.

¹ Neste texto utiliza-se a sigla EJAI quando nos referirmos especificamente às escolas situadas no município de Maceió que ofertam EJA, já o termo EJA é utilizado por decisão política de manter originalmente o que se considera em rede nacional pelos pesquisadores da área, movimentos sociais e os documentos legais.

Entende-se que as realidades dos/as estudantes da EJA são plurais e diversas, com especificidades e vivências singulares, marcadas pela desigualdade social e marginalização. Desse modo, de acordo com Tânia Moura (2007), o público da EJA é constituído por sujeitos jovens e adultos que precisaram abandonar a escola regular para trabalhar, cuidar de suas famílias ou mesmo por enfrentarem problemáticas de cunho social e econômico. Estes sujeitos retornam à escola em busca da melhoria de vida, de sua independência, como também pela busca de um sonho não realizado: a aprendizagem da leitura e da escrita, deixados de lado pelas vias da privação, exclusão e do trabalho árduo no período da juventude, ou seja, são idosos aposentados, jovens e adultos que trabalham informalmente ou que estão desempregados, domésticas que decidiram retomar o caminho do sonho adormecido.

No tocante às mulheres da EJA, as quais são o foco de nossa investigação, entende-se que elas trazem para a sala de aula seus saberes, vivências e conhecimento de mundo, refletindo-os na prática educativa. Objetivamos, com o presente estudo, analisar e refletir sobre as narrativas das mulheres que frequentam a EJAI na Escola Pompeu Sarmiento, situada na cidade de Maceió-AL-AL(2024). No contexto de sala de aula, entende-se que, na modalidade da EJA, é de fundamental importância que a escolha dos materiais didático-pedagógicos estabeleçam relações críticas com as realidades dos sujeitos, com vistas a promover e mediar suas habilidades críticas, de autoconhecimento, conscientização, dentre outros aspectos formativos, em outras palavras, a prática pedagógica precisa estar alicerçada em princípios educativos emancipatórios e libertadores, ressignificando as problemáticas sociais, conflitos culturais, tensões políticas, éticas e epistemológicas (Freire, 1996).

Optamos pelas narrativas de mulheres da EJA pela representatividade desse público nessa modalidade de ensino na cidade de Maceió, visto que a presença de mulheres em salas de aula desta categoria é consideravelmente densa (Cavalcante; Freitas, 2021). As mulheres da EJA são símbolo de resistência, com identidades singulares e próprias, construídas ao longo de suas trajetórias de vida, muitas das vezes sofridas. Cavalcante e Freitas (2021) evidenciam a relevância de escutar as narrativas destas mulheres para compreender os sentidos e condições vividos, experienciados e construídos por mulheres/estudantes em meio a determinadas condições de desigualdade e invisibilidade. Como metodologia, optamos pelo percurso qualitativo, com ênfase no estudo de caso, uma vez que este possibilita uma maior aproximação com as narrativas do público-alvo.

Ressalta-se, portanto, que a escola tem papel de grande relevância na vida e resistência dessas mulheres, dado que:

[...] a escola aparece como principal agenciadora de leitura, que lhes permite certo status, na comunidade linguística que circulam. Considerando seus saberes dentrofora da escola, que envolve captar, estar abertos e sensíveis as experiências sociais. As práticas de leitura em salas de aulas, personificados em mediação das professoras, e leituras de textos, puderam constituir como possibilidades emancipatórias na/da EJA, pois, acreditamos que não podemos mais aceitar que nos cotidianos escolares prevaleça a valorização do conhecimento formal em detrimento do conhecimento trazido pelos/as estudantes. (Cavalcante; Freitas, 2021, p. 13-14)

Apoiadas nas teorias de Paulo Freire (1987), compreendemos que a prática docente, bem como os conteúdos ministrados na modalidade da EJA não devem ser pautadas em um “fazer por fazer”, uma vez que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim fazer do ensino um lugar de resistência e uma ponte para a emancipação e transformação dos sujeitos, de modo a contribuir com o “desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade, essa, com a qual se pode defender de “irracionalismos” decorrentes ou produzidos por certo excesso de racionalidade de nosso tempo altamente tecnologizado” (Freire, 1987, p. 18).

Com relação à atuação e compromisso dos professores/as da EJA, Paulo Freire (2002) nos diz que a prática docente precisa se consolidar a partir de uma reflexão crítica que relacione teoria e prática em função do desenvolvimento dos saberes dos educandos. Para tanto, se faz necessário que o saber crítico-reflexivo seja um saber desenvolvido durante a formação docente para poder ser colocado em prática durante o processo de atuação pedagógica deste profissional, já que é pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática (Freire, 2002, p. 21). Nesse sentido, as questões específicas sobre a perspectiva crítica curricular e de postura do corpo docente devem ser devidamente ampliadas em formações permanentes de professores e professoras da modalidade.

Outrossim, evidenciamos que o ensino tradicional para os sujeitos da EJA é desgastante, pois não considera a realidade destes sujeitos em suas práticas pedagógicas, considerando que estes sujeitos têm uma rotina repleta de tarefas e trabalho. Desse modo, a modalidade da EJA precisa fornecer um ensino/aprendizado acolhedor, libertador que possibilite a interação e o diálogo entre os sujeitos pautados em suas vivências e experiências; uma educação, de fato, emancipatória, humanizada em seu processo, que busca refletir sobre as realidades dos sujeitos em suas ações educativas, visando transformar o mundo no qual estão inseridos (Freire, 1996). A educação bancária (Freire, 1996), ensino tradicional, tem sido uma problemática no

ensino/aprendizagem da EJA, visto que esse tipo de educação não proporciona um aprendizado libertador, mas excludente e alienante.

Diante do exposto, este trabalho tem como finalidade investigar, compreender e refletir sobre as realidades, vivências e expectativas de mulheres da EJA em contexto escolar, enraizados na experiência extraescolar, na qual nos ancoramos na literatura bibliográfica acerca da temática, tomando o cuidado de refletirmos a respeito das realidades vividas em contexto social, político e econômico desse público.

2. METODOLOGIA

Para os fins de nossa pesquisa, nos apoiamos nos pressupostos da pesquisa qualitativa, indo ao espaço pesquisado para a coleta de informações, tendo em vista que:

Na pesquisa qualitativa, o cientista é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. [...] A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32).

Assumiu-se para tanto o estudo de caso como caminho possível, sobre o tema Fonseca (2002) afirma:

Um estudo de caso pode ser caracterizado de acordo como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico. [...] O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes [...] tanta quanta possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador. (Fonseca, 2002, p. 33-34)

Desse modo, essa pesquisa se configura enquanto pesquisa de cunho interpretativo e exploratório, buscando compreender e descrever as narrativas de mulheres que frequentam a EJAI no município de Maceió/Al.

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas dialogadas com estudantes da EJAI, dos Anos Iniciais e Finais da Escola Pompeu Sarmiento, situada em Maceió/Al. A relevância das entrevistas se dá por nos possibilitar uma maior aproximação e entendimento da realidade vivenciada pelas mulheres que frequentam a EJAI, visto que há interação e reciprocidade a

partir da conversação entre entrevistado e entrevistador, sendo uma via significativa para a coleta de informações (Lüdek; André, 1986; Marconi; Lakatos, 2007).

E ao ouvi-las, fomos despertando o nosso olhar para o sentido que aquele ambiente escolar traz, pois tivemos a possibilidade de, a partir das práticas cotidianas, buscar propostas para (re)significá-las. A vivência possibilitou-nos, também, a formação para a vida, fato que nos proporcionou a percepção de que temos um tempo próprio, singular e que, acima de tudo, o tempo é vida, diferente a cada instante, para cada um de nós. A pesquisa como experiência viabilizou em nós um olhar estético, sensível, diferente para a ciência moderna fazendo das reflexões na/da/com a pesquisa, aprendizagens cotidianas, fazer o movimento teoria prática (Alves, 1998).

A pesquisa foi realizada em setembro de 2024, na Escola Dr. Pompeu Sarmiento. Iniciamos sempre com rodas de conversa e após fizemos sessões-conversa individuais, nas quais foram realizadas um total de 10 perguntas sobre o contexto de escolarização (levando em torno de 45 minutos para as conversações): os fatores sociais, os motivos que levaram as estudantes a saírem da escola e que as fizeram retornar, os sonhos e expectativas. Contamos com a participação de três estudantes mulheres que estavam matriculadas em turmas de 4º e 6º período respectivamente, para nos referirmos a elas usaremos nomes fictícios no intuito de não as expor (Josefa (52 anos, solteira), Alaíde (62 anos, viúva), Beta (54 anos, casada)).

Essa pesquisa traz como objetivo analisar narrativas de mulheres que frequentam a EJA da Escola Dr. Pompeu Sarmiento, na cidade de Maceió/Al, tendo como foco as expectativas do processo de escolarização e suas aspirações referentes ao retorno ao processo de escolarização, buscando, portanto identificar os fenômenos que contribuíram para que estas mulheres abandonassem a escola e quais as motivações que as fizeram retomar ou iniciar os estudos. Sob esse viés, selecionamos as seguintes categorias de análise para a nossa pesquisa, a partir das narrativas:

- ✓ ***A importância da escrita e da leitura para a autonomia e independência das mulheres da EJA;***
- ✓ ***Impedimentos ao acesso escolar;***
- ✓ ***Sonhos e expectativas das mulheres da EJA em relação à escolarização.***

Ressaltamos a importância de ouvir as professoras em contexto escolar, a fim de compreender a dinâmica da sala de aula da EJA e de compreender como se fundamenta o contexto didático pedagógico. A escuta sensível e atenta possibilita o entendimento da prática

docente e uma maior aproximação com os preceitos educativos que fundamentam essas práticas, além da maior proximidade com os educandos.

Diante das adversidades que contextualizam a sala de aula da EJAI, referente ao trabalho desenvolvido pelas educadoras, destacamos: 1) Planos de Aula diferentes: o desafio de adaptar planos de aula para atender públicos com níveis de aprendizagem, faixa etária e vivências diferentes; 2) Dificuldade em avançar com os conteúdos programáticos: considerando a defasagem educacional, o professor precisa dedicar mais tempo às revisões dos conteúdos, além de considerar também o ritmo que cada educando aprende; 3) As faltas constantes dos estudantes que impactam o ensino/aprendizagem diretamente; e o 4) Tempo limitado: visto que o tempo disponível para as aulas geralmente é curto, dificultando a realização das atividades de cunho mais aprofundado.

3. ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR POMPEU SARMENTO: CARACTERIZAÇÃO E REFLEXÕES

A Escola Municipal Dr. Pompeu Sarmiento, localizada no bairro do Barro Duro na cidade de Maceió/Al, pertence à rede municipal de educação do município, funcionando nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. É mantida pela Secretaria Municipal da Educação (SEMED), além dos recursos repassados pelo governo federal via Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e o Fundo Nacional da Educação Básica (FUNDEB). A participação da comunidade escolar é sempre estimulada nas tomadas de decisões e nos direcionamentos cotidianos da escola, bem como no envolvimento dos projetos pedagógicos.

Figura 1 - Escola Municipal Pompeu Sarmiento



Disponível em: <https://maceio.al.gov.br/noticias/semmed/escola-municipal-pompeu-sarmiento-conquista-14-medalhas-na-olimpíada-canguru-de-matematica>

A Escola foi fundada em março de 1980, pelo Decreto 5.501 de 30 de maio de 1996, com CNPJ 01.922.158/001-81. Foi reinaugurada em 29/09/1994, para atender à clientela residente na comunidade circunvizinha, a princípio funcionando em dois turnos: matutino e vespertino, oferecendo os seguintes cursos: Educação Primária e Ensino de 1º grau de 1ª à 3ª série. A estrutura física sofreu reformas ao longo dos 43 anos de existência, para melhor atender à comunidade. O público atendido pela escola vai do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) à Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA / 1º e 2º segmento.

A estrutura da escola é constituída por: pátio coberto, 30 salas, 1 cozinha, 3 banheiros, 1 sala de coordenação, 1 sala dos professores, 1 Laboratório de Informática, 1 Laboratório de Ciências, 1 sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), 1 quadra de esportes coberta, 1 sala de leitura, 1 almoxarifado, 1 sala de secretaria, 1 despensa, 1 pátio descoberto, 1 área verde e possui 7 turmas destinadas a EJA, distribuídas no período noturno.

3.1 Perfil das estudantes entrevistadas

Josefa tem 52 anos, quatro filhos, é solteira e estuda o 4º período. De família humilde, casou muito jovem e precisou optar por largar a escola para cuidar de sua família. De acordo com sua fala, em sua época de infância e juventude era preciso trabalhar para sobreviver e a escola ficava em último plano. Começou seus estudos em casa, com a ajuda dos filhos, e hoje já consegue ler e escrever.

Alaíde tem 54 anos, cursa o 6º período e, como Josefa, largou a escola para cuidar de sua família. Morava em outra cidade e, após a morte de seu marido, voltou a Maceió para trabalhar e realizar seu sonho de retornar aos estudos. Demonstra o desejo de “aprender mais e mais” na sua experiência com a EJA.

Beta, 54 anos, também abandonou a escola quando jovem para trabalhar e cuidar da família. Demonstra o desejo de conquistar sua independência, de conseguir pegar um ônibus sozinha e de realizar um sonho antigo: voltar a estudar. Como podemos observar, são mulheres diferentes em contextos de vivência distintos, mas que em muito se assemelham. Mulheres que tiveram seus sonhos rompidos, mas que nunca perderam as esperanças de conseguir conquistá-los.

4. CONCEPÇÃO DE ESTÁGIO

Para compreender a formação docente, é preciso analisar a história, currículos e legislação. Inicialmente, a docência era amadora, mas a Escola Nova trouxe a profissionalização. O estágio, antes inexistente, tornou-se crucial, ligando teoria e prática para a transformação da realidade educacional.

A Lei nº 11.788/2008 estabelece o estágio como um ato educativo essencial na formação docente, preferencialmente em escolas públicas, integrando o projeto pedagógico das licenciaturas. Este estágio obrigatório, requisito para a diplomação, não configura vínculo empregatício e visa preparar os futuros professores para o campo de atuação.

O estágio supervisionado vai além da relação teoria-prática, sendo fundamental para a conclusão do curso e a obtenção do diploma. A lei prevê o acompanhamento efetivo por um professor orientador da instituição de ensino e um supervisor da concedente. Este orientador atua na mediação, orientação e supervisão do estagiário, auxiliando-o na elaboração do plano de estágio e no enfrentamento dos desafios da prática pedagógica.

Orientando-se por essa concepção de estágio, foi implementada no Brasil, a Resolução n.º 2/2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior e para a Formação Continuada, reafirmando o compromisso do estágio com a pesquisa, além de estabelecer uma formação docente pautada na igualdade de condições, no acesso e na permanência escolar, questões essas já preconizadas, anteriormente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 9394/1996:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – o pluralismo de ideias (sic) e de concepções pedagógicas; IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância; [...] VI – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VII – valorização do profissional da educação escolar [...] (Brasil, 1996, p. 1).

A Resolução n.º 2/2015 fixa as bases legais e normativas que irão conferir legalidade ao estágio, como parte integrante dos cursos de formação docente, indispensável à relação teoria/prática. Logo, empreende algumas revisões nos textos legais e normatizadores que embasam a implementação dos estágios, das instituições e de seus componentes curriculares, sobretudo, naqueles que consideram o estágio um componente curricular imprescindível para a formação dos futuros professores.

Entende-se, portanto, que a Resolução n.º 2/2015 ratifica os documentos anteriores, fixando carga horária e duração dos cursos de licenciaturas, bem como privilegiando os conhecimentos científicos, filosóficos e pedagógicos acerca das necessidades e das especificidades dos profissionais da docência. Especificamente sobre a carga horária, define-se que:

Os cursos de formação inicial de professores para a educação básica em nível superior, em cursos de licenciatura [...] terão, no mínimo, 3.200 (três mil e duzentas) horas de efetivo trabalho acadêmico, em cursos com duração de, no mínimo, 8 (oito) semestres ou 4 (quatro) anos, compreendendo: [...] a carga horário do estágio curricular supervisionado de 300 (trezentas) horas [...] (Brasil, 2015, p. 12).

É pertinente salientar também o compromisso com a escola pública, expresso no documento citado acima, quando explicita “o reconhecimento das instituições de educação básica como espaços necessários à formação docente dos profissionais do magistério” (Brasil, 2015, p. 4), reafirmando a articulação entre ensino/pesquisa e graduação, para haver o aprimoramento e a valorização do exercício do magistério, como pode ser visto no trecho abaixo:

[...] A formação docente inicial e continuada para a educação básica constitui processo dinâmico e complexo, direcionado à melhoria permanente da qualidade social da educação e à valorização profissional, devendo ser assumida em regime de colaboração pelos entes federados nos respectivos sistemas de ensino e desenvolvida pelas instituições de educação credenciadas (Brasil, 2015, p. 4).

Para fins de organização de ações nas instituições de ensino superior aponta, ainda, que o estágio supervisionado “[...] é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico” (Brasil, 2015, p. 12). Sob essa ótica, compreendemos que o estágio supervisionado, nas licenciaturas, necessita ser reafirmado como campo de pesquisa e de investigação, considerando-se a emergente e indissociável relação entre teoria e prática, conforme mencionado na Resolução n.º 2/2015: “[...] Deverá ser garantida, ao longo do processo, efetiva e concomitante relação entre teoria e prática, ambas fornecendo elementos básicos para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades necessários à docência” (Brasil, 2015, p. 11).

No entanto, na contramão do que foi apresentado nos documentos acima, houve, no ano de 2019, a implementação de outra Resolução, a de n.º 2/2019, que, orientada pela diretriz

mercadológica das reformas educacionais, criou a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, conhecida como BNC-Formação, uma referência sobre o que deve ser realizado na formação de professores, a qual impôs um conjunto de “regras” a ser seguido:

[...] As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores para a Educação Básica e a BNC-Formação têm como referência a implantação da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica (BNCC) [...] (Brasil, 2019, p. 2).

A Resolução nº 2/2019 trouxe novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores, incluindo a Base Nacional Comum para a Formação Inicial (BNC-Formação). Essa mudança, ao priorizar a BNCC, gerou preocupações sobre o papel do professor, que pode ser visto como um mero executor das diretrizes, focando em competências e habilidades predefinidas. Essa abordagem pode, inclusive, desconsiderar a trajetória e a experiência acumulada na formação docente.

As reformas educacionais impactam diretamente a identidade e as condições de trabalho dos professores, redefinindo o sentido da profissão. É crucial refletir sobre o impacto dessas mudanças na formação inicial, que deveria ser um alicerce para uma prática pedagógica humanizadora e libertadora, voltada para o desenvolvimento integral dos alunos. A ANFOPE destaca a importância de considerar a articulação entre a formação inicial e continuada, além das condições de trabalho e remuneração dos educadores.

Dessa forma, para a discussão e a operacionalização da formação docente é fundamental que tais profissionais entendam a direção apontada pela legislação norteadora dessa formação (Moura, 2014), que ao esvaziar de sentido ideológico as expressões, que validam e legitimam o movimento dos educadores, provoca um processo de ressignificação do discurso, o qual atesta uma determinada forma de formação e de profissionalização destes.

Ressaltamos, portanto, que a profissão docente enfrenta uma série de problemas e de desafios relacionados à valorização e, conseqüentemente, à melhoria do perfil socioeconômico dos professores. Um deles é a defesa dessas ideias de docência e de formação inicial totalmente equivocadas, que se opõem às lutas travadas durante anos pelos profissionais da educação, na busca de uma formação que seja abrangente, democrática, igualitária e libertadora. Ao contrário

disso, nota-se haver na formação de professores uma centralização em competências e em habilidades, que deixam de lado o senso crítico e a liberdade de expressão.

5. O QUE NOS DISSERAM AS NARRATIVAS DAS MULHERES DA ESCOLA POMPEU SARMENTO

Em um mundo no qual as mulheres ainda são consideradas incapazes de realizar determinadas atividades, que recebem menores salários, mesmo realizando a mesma função que os homens, que ficam subjugadas à ignorância de maridos que não aceitam que elas se instruem nem frequentem a escola, se faz necessário que, diante das adversidades, as mulheres encontrem meios pelos quais alcancem sua emancipação, libertação e transformem a realidade imposta social e culturalmente pelos homens.

Nesse contexto, é sabido que a busca por superação, pela realização de um sonho distante, por autonomia e independência faz com que os estudantes da EJA(I) retornem à escola. Desse modo, ressaltamos a importância de uma educação dialógica (Freire, 2002), mediada por uma didática efetiva e significativa (Freitas; Cavalcante, 2021), visto que estes aspectos são primordiais para que o público da EJA tenha suas histórias de vida contempladas e valorizadas durante o processo de escolarização.

No que tange a formação das mulheres da EJAI em Maceió, salientamos que é um percurso marcado por lutas e resistência. As mulheres da EJA “[...] demonstram que possuem conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, por meio das experiências com familiares, comunidade, mundo do trabalho, e vivem um movimento pendular de saídas e entradas da escola, só no ensino dito regular e na EJA” (Freitas; Cavalcante, 2021, p. 13). Com isso, é possível compreender que este público é protagonista dos seus conhecimentos, adquiridos a partir de suas próprias vivências e experiências.

O movimento pendular pode ser compreendido como metáfora na compreensão dos desafios enfrentados pelos estudantes da EJA, no sentido de busca pelo equilíbrio entre as responsabilidades pessoais, profissionais e escolares no decorrer do dia a dia. A oscilação entre essas responsabilidades é reflexo da desigualdade presente em nossa sociedade, que afastou esses sujeitos da escola e que fazem com que estes vivam em ciclo de idas e voltas ao contexto escolar.

As estudantes da Escola Municipal Pompeu Sarmiento evidenciam o desejo de conquistar autonomia e independência a partir dos estudos. A escolarização foi um sonho ceifado na juventude dessas mulheres, que tinham como opções impostas socialmente: o estudo

ou o trabalho, além da necessidade de cuidado com a família. As narrativas das mulheres da EJA se assemelham em muitos aspectos e caminham juntas, visto que elas partilham de um sonho comum: voltar à escola para aprender a ler e a escrever, e dessa forma poder conquistar sua independência.

Nota-se que as narrativas das mulheres que participaram de nossa pesquisa seguem um padrão: elas voltam à escola, sejam jovens, adultas ou idosas, envergonhadas e tímidas, a um ambiente onde se percebem alheias à sua realidade, mesmo tendo consciência de que a educação é um direito de todos. Desse modo, como bem salienta Ferreira (2023).

Quando decidem voltar a estudar, as mulheres enfrentam muitos desafios, pois carregam sobre si o peso cotidiano de dupla e muitas vezes até tripla jornada. As dificuldades de se voltar a estudar já começam com o fato de precisar deixar seus lares para irem à escola, a maioria, após uma jornada de trabalho cansativa, cuidando dos filhos, da casa e muitas vezes sendo a principal fonte de renda da família. Em alguns casos, por não terem o apoio de seus companheiros, precisam levar os filhos para a escola e ainda sofrem com essa falta de amparo, precisando dar conta de tudo, tanto física quanto emocionalmente. (Ferreira, 2023, p. 26)

Nesse sentido, podemos observar durante o período de estágio uma crescente semelhança nas narrativas das mulheres entrevistadas, relativo às motivações que as fazem retornar às salas de aula de EJA — que perpetua nas falas de outras estudantes, sejam elas jovens, adultas ou idosas: exigências do mercado de trabalho, uma vez que ter mais um ano de escolaridade no currículo facilita a luta pela sobrevivência; outras incentivadas por familiares e amigas a finalizar seus estudos; muitas buscam ascensão social; voltam para serem ouvidas e para assumirem o papel de protagonistas de suas histórias de vida e aprendizagem.

Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos se destacam por diversos fatores, sendo considerados únicos, com suas próprias características e vivências, mas o que, de fato, os diferencia de outros estudantes de outras modalidades é a maneira como eles constroem seu processo educacional.

Durante as sessões-conversa, optou-se por retomar a memória das entrevistadas sobre os processos pendulares de entradas e de saídas vivenciados ao longo da escolarização dos alfabetizando. Nesse sentido, emergiram memórias ligadas à vida familiar e social, ao trabalho, à forma como as educandas se sentiam inseridas na EJA, à relação entre os ambientes escolar e extraescolar, entre outras.

Conforme anunciamos, diante das narrativas expressas pelas participantes, organizamos as falas com as seguintes categorias:

a) A importância da escrita e da leitura, para a autonomia e independência das mulheres da EJAI;

b) Impedimentos ao acesso escolar;

c) Sonhos e expectativas das mulheres da EJAI em relação à escolarização, categorias essas que ampliaremos através das análises realizadas no próximo item.

5.1. A importância da escrita e da leitura para a autonomia e independência das mulheres da EJAI

As narrativas coletadas das mulheres da EJA da escola Pompeu Sarmiento demonstram a importância da aquisição da leitura e da escrita para suas vidas, visto que é a partir da apropriação desses dois sistemas de comunicação social que elas conquistam mais autonomia, criticidade, empoderamento e passam a enxergar o mundo com outras lentes, podendo usufruir dessas habilidades comunicativas não somente para as questões trabalhistas, como também para fins de lazer, locomoção, compras, finanças, entre outros, conforme exposto abaixo:

Preciso saber ler e escrever, porque hoje em dia eu posso sair... assim... ler alguma coisa, ler um ônibus que eu não sabia, ficava perguntando, muita gente me ensinava errado e eu ficava perdida. Conhecia os ônibus pelas cores e placas. Hoje eu já sei ler, já sei escrever e saber ensinar algumas pessoas também, que hoje em dia tem gente que não tem a mesma oportunidade que eu tenho hoje de estudar... e saber ensinar aquelas pessoas do jeito certo. (Josefa).

Como podemos constatar, a aprendizagem da leitura e da escrita vai além de apenas ler e escrever no contexto da EJA. Por essa razão, afirmamos, apoiadas nas teorias de Paulo Freire (1996; 2002), a importância do ensino na EJA está baseada no conhecimento de mundo dos sujeitos, pois é a partir do diálogo desses conhecimentos com os conteúdos programáticos que as mulheres e demais estudantes da EJA percebem-no como significativo. Nessa perspectiva, Braga (2022, p. 22) afirma que numa educação decolonial é fundamental que haja diálogo e partilha, nos quais seja permitido que as mulheres expressem seus saberes e vivências para que, dessa forma, o ensino aproxime-se e torne-se pertinente à realidade dessas mulheres.

De acordo com Oliveira e Ferreira (2019), a educação direcionada às mulheres na antiguidade voltava-se para os cuidados com a família, bem como para os cuidados com o lar, sendo elas propriedades de seus maridos. Com o passar do tempo, mesmo com diversas conquistas sociais e de direitos para as mulheres, este pensamento continua enraizado na sociedade brasileira, com mais prevalência em cidades interioranas, nas quais o machismo é muito presente, conforme as narrativas:

Eu me casei muito cedo, eu tive meus filhos, eu não tinha condições de tomar de conta da casa e nem de tomar de conta dos filhos, né? Pra poder estudar! Então, hoje, eu agradeço muito por estar tendo essa chance de estudar e fazer o EJA à noite. (Josefa)

[...] Eu comecei a namorar muito cedo, tinha 12 anos. Passei 4 anos namorando, noivei novembro, dezembro me casei, com 16 anos. Eu estudava a noite e trabalhava o dia, eu era balconista. E quando eu me casei, ele disse: “não vai estudar nem trabalhar.” e eu parei na 6ª Série. (Alaíde)

As narrativas das estudantes deixam claro que o machismo ainda é muito presente em suas vidas, assim, podemos compreender que este é um dos fatores que ainda reflete em altos índices de analfabetismo² de mulheres adultas e idosas, que são impedidas de frequentar as escolas. Especificando o discurso das estudantes, mostra-nos que, mesmo diante de suas situações de subalternidade em relação à vida, situações socioeconômicas, essas mulheres insistem em voltar à escola. E nessa caminhada, no cotidiano das escolas da EJA, ao nos envolver mais com as estudantes, fomos percebendo que a cada dia na sala de aula, resistem, permanecem burlando e nos mostraram que têm condições de aprender e superar dificuldades enfrentadas no contexto interno e externo à instituição escolar.

Com vistas a modificar este cenário, a educação, enquanto um direito conquistado através de luta e resistência, serve à mulher como uma via de ascensão social e pessoal, uma vez que as mulheres buscam na escolarização a liberdade, a igualdade e a independência (Oliveira; Ferreira, 2019). Em vista disso, como podemos constatar, o direito à escolarização para as mulheres é uma conquista da luta feminina.

Dito isto, recorremos a Freire (1996), sobre a importância de uma escolarização que permita as estudantes refletir sobre suas duras realidades e possam sobretudo ressignificar suas identidades,

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (Freire, 1996, p.26)

² IBGE. Censo 2022: taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxade-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Em%202022%2C%20havia%2C%20no%20pa%C3%ADs,%2C0%25%20deste%20contingente%20populacional>. Acesso em: 22 jan. 2025.

É preciso, portanto, considerar os saberes das mulheres da EJA, visto que estas são maioria no contexto escolar em que o presente estudo se consolida. A criação e implementação de propostas educativas que dialoguem com seus saberes de mundo é de fundamental importância. De igual modo, faz-se necessário ouvir o que estas mulheres têm a dizer, o que procuram, o que tem como objetivos, qual o papel que a escola tem em suas vidas. Para que o ensino torne-se significativo, as vozes femininas precisam ser ouvidas.

Com relação à importância da leitura e da escrita na vida das estudantes da EJA, Braga (2022) discorre sobre a relevância do uso da literatura escrita por mulheres negras, como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, com vistas a aproximar a leitura e a escrita da realidade vivenciada por este público; a pesquisadora pontua que a leitura e a escrita vão muito além de convenções sociais, tendo em vista que são meios pelos quais as mulheres podem usufruir desses meios para expressar sentimentos, violências, denúncias, dentre outros.

5.2. Impedimentos ao acesso escolar

Estudos apontam uma diversidade de impedimentos ao acesso à educação escolar que levaram e ainda levam mulheres a abandonarem a escola: cuidado com a família (predominante); machismo/preconceito, conforme dito anteriormente, e questões de gênero; desigualdade social, cultural e financeira; exclusão, além da vida dupla ou tripla que estão sob a responsabilidade desse público, referente a cuidar da família em tempo integral enquanto possuem um ou mais trabalhos como fonte de renda (Gouveia; Silva, 2015).

Sob esse viés, os relatos de Josefa, Alaíde e Beta em muito se assemelham e refletem a realidade enfrentada pelos sujeitos da EJA na totalidade. As condições sociais, financeiras e de gênero são as que prevalecem quando se fala sobre impedimentos de escolaridade das estudantes, mulheres, jovens e adultas.

Naquela época era muito... ou trabalhava... tinha que trabalhar pra sobreviver e aí a gente nunca teve chance de estudar. Minha mãe tinha quatro filho e naquele tempo a gente ou trabalhava, ou estudava. Então, era só trabalhar. (Josefa)

O meu sonho era porque quando eu era pequena, aí... como é que se diz? Meu pai levava nós para a roça... aí... nós não conseguia estudar. A minha irmã mais velha era quem conseguia estudar. Assim mesmo nós tentava! Eu ainda conseguia, pulava a janela para ir para a escola, aí quando eles chegava, eles me dava... assim... umas lapadas, né? Porque eu fugia pra ir pra escola, sozinha, e ele não deixava. Aí, ao final nós ficamos sem estudar, só a irmã mais velha que conseguiu estudar, né? Que terminou de estudar, ela. (Beta)

Percebe-se, nas narrativas dessas estudantes, as marcas da desigualdade social e econômica e o machismo enraizado. São marcas que reverberam ao longo dos anos, que ceifaram sonhos violentamente, mas velada. Estudos como o de Ferreira et al. (2023), evidenciam serem diversos os fatores que contribuíram e/ou contribuem para o fracasso e/ou abandono escolar de mulheres, dentre os quais se destacam a gravidez precoce (maiores índices), falta de oportunidade advinda da desigualdade social e do despreparo do sistema educativo, bem como as relações de gênero (algo que notamos com frequência nas narrativas das mulheres da EJA da escola Pompeu Sarmiento).

Outrossim, o que dificulta o ensino e aprendizagem do público da EJAI refere-se à qualidade do ensino, ao método, à qualificação dos professores, à carência de material, entre variadas dificuldades enfrentadas no contexto escolar (Colavitto; Arruda, 2014). Portanto, ainda que as mulheres que frequentam a EJAI demonstrem sua força e resistência diante de suas vivências e trajetórias, é possível constatar que as dificuldades referentes à conclusão de seus estudos são diversas e persistentes.

Não obstante, fatores como a desigualdade e exclusão social estão diretamente relacionados com o impedimento ao acesso escolar das entrevistadas. Como vimos em suas falas, são mulheres interioranas, que dependiam do plantio da roça para sobreviver. *“Meu pai levava nós para a roça... aí... nós não conseguia estudar.”* (Beta). A educação escolar não era vista como pertencente aos pobres, estes precisavam trabalhar para garantir sua sobrevivência e os estudos ficavam em último plano: *“Naquela época era muito... ou trabalhava... tinha que trabalhar pra sobreviver e aí a gente nunca teve chance de estudar.”* (Josefa). E mesmo vivendo atualmente nas cidades, nem sempre essas mulheres conseguem boas condições de trabalho.

5.3. Sonhos e expectativas das mulheres da EJA em relação à escolarização

As mulheres da EJA buscam no seu retorno à escola um meio pelo qual possam encontrar e consolidar sua emancipação, libertação e ascensão, mas não é somente isto que elas procuram, como podemos observar nas narrativas de Beta e Alaíde.

Quero aprender mais ainda, né! E o meu sonho é terminar meus estudos e então... Assim, eu prefiro pra cuidar... Arrumar um trabalho pra cuidar de idoso, porque assim, eu adoro cuidar de idoso também. (Beta)

Em 2022, digo, eu vou voltar a estudar. Porque era meu sonho! era voltar a estudar e tô estudando, né? Eu quero voltar ao passado, pra lembrar tudo que eu estudei. (Alaíde)

Como podemos observar, a conclusão dos estudos se coloca como um sonho a ser alcançado por essas mulheres. Uma maneira de se encontrar no universo profissional e de qualificar-se. E para aquelas que abandonaram a escola após terem estudado há algum tempo, a volta à escola representa o retorno à conquista de um sonho adormecido. Nesse contexto, Ferreira (2023) afirma que:

Entende-se que as mulheres da EJA retornam às instituições escolares não só em busca de um certificado ou na colocação no mercado de trabalho, elas esperam muito mais do que ler ou escrever, em sua maioria pretendem continuar os estudos para sua formação intelectual e obter uma formação crítica social, adquirindo em sociedade seus direitos e deveres almejando uma oportunidade para um futuro melhor, tanto para elas quanto para seus familiares. (Ferreira et al., 2023, p. 27)

Os familiares são parte importante no processo de escolarização das mulheres da EJAI, de modo especial os filhos, visto que estes são, na maioria das vezes, a motivação e inspiração para o retorno de seu aprendizado escolar. Como todo processo de aprendizagem, a alfabetização e letramento das mulheres da EJAI segue um percurso longo, processual e gradativo. Portanto, é necessário haver material didático-pedagógico bem estruturado que vise atender às suas necessidades educativas, considerando as vivências, trajetórias e conhecimento de mundo.

Eu comecei... é... juntando as letras, em casa mesmo, começava a juntar as letras. Aí, meu filho começava: “mainha, vamos aprender a fazer o seu nome”. Aí, eu comecei a aprender a fazer o meu nome, que eu não sabia. Aí comecei a juntar as letras e quando eu cheguei na escola, eu já sabia de alguma coisa, de algumas palavras, mas hoje em dia eu já sei escrever, já sei ler. (Josefa).

Em 2022 eu disse: eu vou voltar a estudar. Porque era meu sonho! era voltar a estudar e tô estudando, né? (Alaíde)

Como podemos perceber que as entrevistadas sentem orgulho do retorno à escola, o que lhes permite “saber ler e escrever”, nesse contexto a escola é uma grande agenciadora de alfabetização e letramento para essas mulheres. Os estudos evidenciam, ainda, que as mulheres têm compreendido cada vez mais qual o seu papel dentro da sociedade, tornando-se gradativamente donas de si e de suas trajetórias de vida, ainda que percorrem um caminho longo, regado por luta e resistência (Ferreira et al., 2023; Colavitto; Arruda, 2014; Gouveia; Silva, 2015).

Assim, o retorno à escola tem sido uma via para esta compreensão, por isso a importância de termos uma Educação de Jovens e Adultos que considere em sua prática educativa as vivências desse público, para melhor alcançar os objetivos de sua emancipação,

autonomia, independência e, não menos importante, fortalecer seu potencial de resistência e luta. Desse modo, entendemos que:

[...] voltar a estudar representa para as mulheres não somente ter em mãos um certificado de conclusão de curso. Há muito mais por trás disso: há luz no fim do túnel, há sonhos sendo realizados, há a conquista de autonomia, a recuperação da autoestima, há o empoderamento, a força necessária para ser uma pessoa melhor. (Ferreira et al., 2023, p. 25)

Observamos nas narrativas acima que, de modo geral, voltar a estudar ajuda as mulheres em seu dia a dia, desde situações como pegar um ônibus para o trabalho, auxiliar os filhos nas atividades escolares, e até auxiliar a se comunicar através da leitura e da escrita. As estudantes demonstraram, em suas falas, que a escola é um lugar de oportunidades.

Nessa perspectiva, é necessário permitir as educandas/os uma ampla valoração das possibilidades e da criticidade, isto é, deve haver uma prática comprometida com pessoas possuidoras de distintos saberes, em que “[...] mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos” (Freire, 2019, p. 34).

Entende-se, portanto, que a EJA representa, para muitos/as estudantes, a superação de problemas sociais, do descaso histórico do poder público e da falta de oportunidades. Nesse contexto, é importante lembrar que a escola, por meio do diálogo, deve possibilitar a ampliação da autonomia, estabelecendo propostas de práticas pedagógicas bem estruturadas e contextualizadas.

6. CONCLUSÃO

Esse texto trouxe como objetivo analisar as narrativas de mulheres que frequentam a EJA I da Escola Municipal Dr. Pompeu Sarmiento, na cidade de Maceió/AL, tendo como foco as expectativas do processo de escolarização e suas aspirações referentes ao retorno ao processo de escolarização, considerando suas expectativas, sonhos e contexto de vida. Este estudo procurou compreender alguns dos motivos que levaram mulheres a não concluírem seus estudos em idade regular, pretendendo entender os percalços que as acompanharam no decorrer de suas trajetórias, relativos à escolarização, e o que as motivaram a retornarem à escola.

Os fatores de mais recorrência referente ao abandono escolar das mulheres entrevistadas foram o trabalho para a sobrevivência, a desigualdade social, o machismo e o cuidado para com

seus familiares. Suas narrativas refletem uma realidade que, infelizmente, ainda persiste atualmente, no entanto, essas mulheres demonstram força e resistência para continuar seus estudos e conseguir alcançar um sonho que há muito está adormecido: a escolarização, o aprendizado da leitura e da escrita e com eles a emancipação, conscientização e empoderamento.

Diante do que foi exposto no presente estudo, reafirmamos a relevância da criação de políticas públicas por parte dos órgãos governamentais, com o objetivo de promover o acesso à educação de qualidade para todos, garantindo a permanência dos estudantes na escola até a conclusão de sua escolarização. A formação escolar do público da EJA demonstra sua importância na construção de uma sociedade mais igualitária, em termos de oportunidades de trabalho, conquista da autonomia, emancipação e independência.

Pontuamos ainda que, embora a necessidade de concluir a escolarização tenha sido evidenciada pela busca por independência financeira e qualificação profissional, é perceptível que o que realmente motiva as mulheres a retornarem à escola é o sonho de aprender a ler e a escrever, conquistando um desejo/sonho há muito tempo adormecido, em razão da desigualdade social, do machismo estrutural e das relações de gênero.

Concluimos evidenciando a relevância do Estágio Supervisionado para a formação de futuros professores e professoras. O estágio possibilitou o contato direto com a realidade da sala de aula da EJAI, tanto referente ao contexto do educando (vivências, experiências, percursos de aprendizado) quanto relativo ao trabalho educacional desenvolvido pelas educadoras, considerando todos os aspectos positivos e os que demandam maiores recursos para sanar as dificuldades que surgem no percurso, visando ofertar uma educação de qualidade que atenda a todos sem distinção.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **O espaço escolar e suas marcas**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.
- BRAGA, Raquel de Fátima Gomes. **Projeto EJA - diálogos**: uma proposta de ensino decolonial realizada com mulheres da educação de jovens e adultos. Acarape: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Linguagens e Literaturas, Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.º 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília–DF, 2 jul. 2015, p. 8-12.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução n.º 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial de professores para a educação básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília–DF, 15 abr. 2020, p. 46.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar da Educação Básica**. Brasília–DF: INEP, 2023.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL. Lei n.º 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as disposições da Lei n.º 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2008.
- COLAVITTO, Nathalia Bedran; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. Educação de Jovens e Adultos (EJA): a importância da alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, 2014.
- COSTA, Ana Maria Bastos. COSTA, Maria Silvia; FREITAS, Marinaide L. Q. **A formação de professores(as)**: discutindo um antigo problema. In: Proposta de formação de alfabetizadores em EJA: referenciais teórico-metodológicos. (Organizadoras). Marinaide Lima de Queiroz Freitas, Ana Maria Bastos Costa. Maceió: MEC e UFAL, 2007.
- FERREIRA, Letícia Moreira; SANTOS, Luana Ferreira dos; BARBOSA, Marluce Silva; SANTOS, Paloma de Cássia Daniel dos; MENEZES, Rubiani Canelhas Fernandes. Desafios das mulheres que decidem voltar a estudar na EJA. In: **DEBATES sobre diferenças e igualdades nas relações de gênero**. [s.l.]: [s.n.], 2023. Cap. 2, p. 16-35.
- FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz, CAVALCANTE, Valéria Campos. **Mediações didáticas em uma aula de leitura na EJA**: mulheres relendo suas realidades e o mundo. **Educação** ; Santa Maria ; v. 46 , 2021.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Editora Paz e Terra, 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 749-767, set./dez. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172015170310>.

LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade**: lições da escola. In: SAÚDE, Sexualidade e gênero na educação de jovens. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MOURA, Tania Maria de Melo. **Os alunos, jovens e adultos que buscam a Educação de Jovens e Adultos**: quem são e o que buscam na escola. Maceió: UFAL, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.